

## Narrativas orais nordestinas na Amazônia paraense: entre memória, migração e diversidade cultural

Flávio Reginaldo PIMENTEL<sup>1</sup>  
Carlos Henrique Lopes de ALMEIDA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo apresentar narrativas orais de migrantes nordestinos que se estabeleceram na região da Amazônia Paraense; mais precisamente na microrregião bragantina, no município de Igarapé Açu. A partir da coleta de histórias e relatos de vida, busca-se perceber como estão entrelaçados os conceitos de memória e migração, temas que se verifica no discurso dos narradores migrantes dessa região. Há uma diversidade cultural na zona bragantina, influenciada por constantes movimentos migratórios e que aos poucos vão fazendo parte desta região cultural. Muitas pessoas deixam sua terra natal e migram com o objetivo de novas oportunidades de trabalho. A partir de uma metodologia teórica-reflexiva, foram realizadas entrevistas e transcrições, bem como análise das narrativas. No aporte teórico temos Ricouer (2007), Halbwachs (2006), Glissant (2006), Thompson (1992), Zumthor (2001,2010), Valim (1996), entre outros.

**Palavras-chave:** Memória; Migração; Amazônia; Narrativas orais.

### Introdução

O poeta e escritor paraense Bruno de Menezes narra em seu romance *Candunga* (1954) a chegada dos migrantes nordestino à Amazônia e conta a história de Antônio Candunga e seu padrinho Francisco Gonzaga, retirantes nordestinos do Ceará, que assim como milhares, se aventuraram em deslocamentos do Nordeste ao Norte do Brasil, em especial à Amazônia.

Triste rebanho aos tombos, é a caravana escorraçada, palmilhando a estreita prancha do navio. O chicote de um sol em brasa tangêra-os dos sertões nativos. Aboletados nas terceiras classes de passageiros do Loide, desembarcam lerdos, em meio aos curiosos e desocupados do cais. Vêm de abandonados pontos do nordeste, rumo o sonhado Pará. Crivados de “bicho de pé”, macilentos e desnutridos, transportas as trouxas nos trens, sem esquecerem as cabaças d’água. As mulheres do bando, enforquilhando nas ancas ossudas, as crianças magras e piolhosas, carregam-nas com esforço, ao passo que os homens, resignados e solícitos, apressam-se a caminhar. Em terra, arroladas as famílias, procuram a sobra mormacenta dos galpões. E alongando olhares saudosos para a embarcação ancorada, dizem adeus ao berço natal, porque chegam à Terra da Promissão (MENEZES, 1954, p. 11).

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Professor no IFPA, professor efetivo com Dedicção Exclusiva do Instituto Federal do Pará (IFPA-Campus Belém), Belém, Pará. E-mail: flaviorpimentel2014@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em letras e linguística pela UFG. Professor permanente dos programas PPGL/UFPA e PPGLC/UNILA, Foz do Iguacu, Paraná. E-mail: carlos.almeida@unila.edu.br

Esse movimento migratório descrito por Menezes (1954) a partir de seu romance pode ser verificado em conversas, relatos e histórias de vida que são “contadas” por toda a região bragantina, em especial no município de Igarapé Açu no Estado do Pará. Foram feitas entrevistas para coletar informações de como aconteceu tais movimentos migratórios na região. Oriundas de diversos lugares, muitas pessoas se deslocaram e se estabeleceram no Pará e na Amazônia trazidas pela busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

Essa população traz além da força de trabalho um conjunto que elementos constituintes da sua subjetivação, plasmados na sua forma de falar e de se expressar, seus costumes, crenças e as suas diversas lembranças do vivido, presentes em sua memória. O migrante passa por um processo de adaptação, no qual conviverá com a fauna, flora e os nativos do espaço/território em que pretende viver; também trazem nas memórias, as culturas construídas em suas vivências anteriores. O encontro dessas duas perspectivas memorialísticas se transformará em algo novo. Pensando no conceito de rastro/resíduo de Édouard Glissant (2005), “o rastro/resíduo é a manifestação fremente do sempre novo” (GLISSANT, p 83). Nesse sentido, é pertinente construir uma comparação com o processo de migração africano citado pelo teórico antilhano que aponta os vários deslocamentos, forçados ou não, quando um povo ou grupo social vê a necessidade de migrar para outras regiões:

Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo, para além da Imensidão das Águas, o rastro/resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Confrontados à desordem do colono, eles conheceram essa genialidade, atada aos sofrimentos que suportaram, de fertilizar esses rastros/resíduos, criando, melhor do que sínteses, resultantes das quais adquiriram o segredo (GLISSANT, 2005, p. 83-84).

Apesar da diferença da forma de deslocamento entre os africanos e os nordestinos brasileiros, em outros aspectos se assemelham, entre eles está a questão de deixar sua terra natal. “O que acontece com esse migrante? Ele recompõe através de *rastros/resíduos*, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos”, (GLISSANT, 2005, p. 19). As narrativas, histórias e relatos de vida na forma oral são ricas em detalhes, lembranças, recordações que fazem voltar aos “bons e felizes momentos” que estão guardados na memória.

Os migrantes nordestinos deixam sua casa, sua terra natal, seus familiares, mas não suas crenças, sua identidade, enquanto ser, membro de uma sociedade culturalmente organizada. A justificativa para tais movimentos migratórios encontra amparo na busca de

oportunidades de emprego com melhores rendimentos, assim como melhores condições de habitação, ou simplesmente, a garantia de sua sobrevivência. Estas são algumas das afirmações que ouvimos quando conversamos com essas pessoas. Percebe-se que não há apagamento do que eram em sua terra natal.

Gonzaga e Candunga, tendo conseguido um canto mais folgado para as mulheres de seu bando, reúnem-se todos num banco. Silenciosos, ruminando sabe-se lá que pensamentos, talvez cismem com o torrão sempre amado e cada e cada vez mais hostil. O rapaz arquitetara sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, experimentado pela idade, daria curso a idênticos anseios, na esperança de retornar aos seu jamais esquecido Ceará (MENEZES, 1954, p. 17).

No excerto acima, temos Francisco Gonzaga e Candunga, seu sobrinho. Personagens de Bruno de Menezes são os protagonistas da saga nordestina nas terras paraenses. Observa-se que entre o passado e presente, o futuro também pode ser vislumbrando, quando o narrador afirma que há esperança de um dia poder voltar ao Nordeste, ao Ceará. A referência da obra *Candunga* (1954) de Bruno de Menezes se faz pertinente pois trata da mesma temática objeto deste artigo.

Portanto, a proposta neste trabalho é apresentar uma pesquisa de campo, com coleta de entrevistas e transcrição de histórias e relatos de vida de migrantes nordestinos que se estabeleceram no município de Igarapé Açu, nordeste paraense. A partir da perspectiva do deslocamento e de fluxos migratórios, objetiva-se entender tais fluxos e como estes contribuíram para a composição da diversidade cultural existente na região bragantina.

### **As migrações na Amazônia: entre deslocamentos e sonhos**

Uma pergunta que inicia nossa reflexão é: mas afinal o que é migrar? Este questionamento se torna fundamental para entender esse fenômeno que é tão antigo quanto a própria humanidade. Afinal desde muito tempo as pessoas migram e por diversas razões. Migrar, no sentido mais restrito da palavra é deslocar-se de país, de estado, de região, de cidade. Este movimento está na Constituição Federal que garante a todos os cidadãos o direito de ir e vir. (BRASIL, [2016]).

Porém, é preciso compreender que quando a migração ocorre de forma livre e consciente, ela é realmente um direito. Mas quando se torna um movimento forçado, devido a questões sociais enfrentados pela classe dominada; seja pela luta da terra, seja em busca de

trabalho ou por condições adversas gera um problema. A má distribuição de renda no Brasil, por exemplo, é um problema econômico que força muitas pessoas a migrarem.

De qualquer forma, falar sobre as migrações no Brasil requer sempre que nos reportemos a momentos históricos que constituem a formação da sociedade brasileira. As chamadas migrações internas vão contribuir para a compreensão de como se formou a nossa sociedade, sem isto, não podemos entender os processos atuais em que ocorrem as migrações. Como aponta Ana Valim (1996):

O que seria uma trajetória aparentemente individual torna-se parte de um processo muito mais amplo de mobilidade de massa. Uma trajetória onde desfilam rostos, vidas com muito sofrimento, mas também com muita esperança e força para enfrentar, a luta pela sobrevivência (VALIM, 1996, p. 09).

Deixa-se para trás famílias inteiras ou, levam-se famílias inteiras. Como observa Fausto Brito (2009) que “a migração é um processo social que vai além dos mecanismos do mercado de trabalho, no plano econômico, se insere em uma ampla mudança social, cultural e psicossocial, tanto individual, quanto coletiva, dentro do desenvolvimento da sociedade moderna” (BRITO, 2009, p. 05-06). Percebe-se como apontado pelo autor que há uma necessidade de migração em face à miséria no lugar de origem. Uma mudança desse cenário de caótico só é possível se o indivíduo migrar.

Historicamente, os brasileiros, desde a colonização foram condicionados a se deslocar em busca de alternativas para sobrevivência, de melhoria na qualidade de vida, conforme nos relata Seu Francisco de Oliveira, migrante do Rio Grande do Norte, confirmando premissas da pesquisa.

O meu pai quis vir pra cá pro Pará por que naquela época no Rio Grande do Norte era ruim demais. Não tinha NADA, NADA, não tinha NADA, tinha muita fome, era. Ninguém tinha nada. Nois morava no interior, a cidade era São Paulo do Potengi é, mas depois que vim pra cá nunca mais voltei, vontade eu tenho e muita, mais nunca deu.<sup>3</sup>

A Amazônia Paraense tornou-se terra dos sonhos e utopias de muitas famílias migrantes. A região Bragantina faz parte da mesorregião denominada de Nordeste Paraense e está dividida em microrregiões: Bragantina, Guamá, Cametá, Salgado e Tomé-Açu. Por sua vez, a microrregião Bragantina vai englobar um total de 13 municípios a seguir: Augusto Correa, Bonito, Bragança, Capanema, Igarapé Açu, Nova Timboteua, Peixe Boi, Primavera,

---

<sup>3</sup> Narrativa coletada de Seu Francisco de Oliveira. Migrante do Rio Grande do Norte que mora em Igarapé Açu. Entrevista realizada em 16/10/2011.

Quatipuru, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua. Com uma população estimada de 374.907 habitantes, numa área de 8.810,774km<sup>2</sup>.

Na Amazônia brasileira, muitos processos migratórios ocorreram. Tais processos geraram uma transformação social e cultural da região. É impossível dizer que as migrações não influenciaram no modo de vida amazônico. Muitos migrantes de diversas partes do Brasil e principalmente do Nordeste brasileiro aportaram por estas terras. A região ainda sofre os impactos desses deslocamentos ocorridos nas últimas décadas. Para tanto, vale lembrar o que José Guilherme Fernandes (2006) aponta:

Os nordestinos foram os grandes responsáveis por um salto não apenas demográfico, mas também por um alargamento nas demologia da região amazônica, ao trazerem não só sua força de trabalho para os seringais, mas seus cantos, encantos, costumes, festas, suas histórias de vida, em uma palavra, sua cultura popular, como é natural ao migrante, que leva marcas de sua identidade para construir na nova terra em que vai habitar (FERNANDES, 2006, p. 157).

Grandes levas de nordestino migrantes se dispuseram a vir para região amazônica em busca de oportunidades. Há também migrantes de outras regiões brasileiras, mas não como os nordestinos, no que se refere a quantitativo. Seja do Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Pernambuco, enfim, dos diversos Estados que compõem a região do Nordeste brasileiro. Mas com isso gera inúmeras indagações e reflexões sobre o tema, como vemos em Ana Lia Vale (2006):

No Brasil, o deslocamento de populações de áreas da Região Nordeste para as áreas da Amazônia tem sido bem documentado e desempenha papel proeminente em muitas estratégias de desenvolvimento do governo federal. No entanto, o rápido e desorientado crescimento que se vem observando na Amazônia, principalmente a partir da década de 1980, gera dúvidas sobre os benefícios desses deslocamentos maciços de população, dúvidas essas que dizem respeito tanto aos próprios migrantes como aos que se dedicam ao estudo do desenvolvimento do país. Uma das evidências dos resultados negativos da transferência de populações refere-se ao elevado ritmo do aumento demográfico, desproporcional ao que os governos implantam em infraestrutura, acarretando problemas já conhecidos pelas comunidades dos grandes centros urbanos (VALE, 2006, p. 256).

Os problemas gerados devido aos fluxos migratórios são constantes e crescentes. Conforme defendido pela autora no excerto acima, o discurso oficial do governo que incentiva a movimentação de pessoas, oferecendo melhores oportunidades de trabalho e moradia, através de estratégias direcionadas com esse objetivo. Isso faz com que muitas pessoas deixem seus lares, seu lugar de origem em busca de oportunidades e de crescimento econômico e social.

O grupo familiar é importante suporte para efetivação do processo migratório. Um irmão, um primo, um tio, veio antes e logo em seguida trouxe o restante da família. Seu João Batista da Silva, migrante do Ceará, veio com a esposa e filhos, pois seu sogro já tinha vindo anteriormente, "aí ele foi lá é, aí mandou me buscar né, aí como eu disse que ia, agora vou. Aí nós viemos pra cá né, mas eu vim mesmo por causa da família dela. Que já tava aqui e quiseram me trazer pra cá."<sup>4</sup>

A ideia de enriquecimento rápido, levou milhares de pessoas oriundas várias nacionalidades e regiões do Brasil, a ver a Amazônia como o pulmão do mundo; como o Paraíso ou Éden na Terra, lugar de infinita riqueza. Um exemplo disso foi o período da borracha, em que desembarcaram muitos migrantes, ávidos pelo sonho de enriquecimento fácil, com a ilusão de melhoria de vida. Muitos deixaram aqui sua ilusão, suas utopias e também sua vida. Vale lembrar o que o escritor português, Ferreira de Castro escreveu em seu romance *A Selva* (1930) sobre a Amazônia e seus migrantes:

A luta de cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopeia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha – de borracha que esses homens, humildemente heroicos, tiram à selva misteriosa e implacável (CASTRO, 1977, p. 16).

O primeiro ciclo da borracha aconteceu entre os séculos XIX e XX. Ficou conhecido como período da *Belle Époque*, que atraiu milhares de nordestinos para a Amazônia. Fugiam das constantes secas e conseqüentemente da fome que assolava o Nordeste. Vinham na ilusão de trabalho para melhorar de vida ou conquistar um pedaço de terra para plantar. Muitos se embrenharam na floresta, desde o Estado do Pará ao até o Acre. Esse momento de esplendor e riqueza oriundas da comercialização do látex atraiu centenas de migrantes ao Norte do Brasil. Foi um momento áureo. (COELHO, 2016).

Um segundo momento da ocupação da Amazônia em que ocorreu um grande fluxo migratório foi o período em que os migrantes eram conhecidos como “soldados da borracha”, entre os anos de 1939 a 1945. Foi a época da Segunda Guerra Mundial quando os seringais foram reativados. Nesse tempo, como no anterior, calcula-se que milhares de nordestinos, em especial cearenses, tenham desembarcado aqui. O intuito era abastecer o mercado mundial com a borracha que estava em falta.

---

<sup>4</sup> Narrativa coletada de Seu João Batista da Silva. Migrante do Ceará que mora em Igarapé Açú. Entrevista realizada em 18/09/2011.

Este fenômeno das migrações nordestinas não pode ser interpretado como um simples deslocamento de lugar. Não é somente uma mudança de pessoas de uma região para outra. É um fenômeno complexo que precisa ser amplamente debatido e analisado. As consequências advindas desse movimento migratório, traz consequência tanto para quem migra, quanto para quem fica na terra de origem. Famílias são separadas e isso afeta o migrante.

### **Narrativas orais migrantes: cultura popular a partir da oralidade e da memória**

A região bragantina, espaço/território em que esta pesquisa está inserida possui características peculiares. Na região existiu uma importante ferrovia conhecida como Estrada de Ferro Belém-Bragança. Ela ligava a estação de São Brás em Belém à cidade de Bragança, numa extensão de aproximadamente 222 quilômetros. A ferrovia começou a ser construída no ano de 1883, e já em 1884 foi inaugurado seu primeiro trecho, de 29 quilômetros, entre São Brás e Benevides, cidade localizada na região metropolitana. Mas somente em 1908, a estrada atingiria a cidade de Bragança, chegando à sua extensão máxima.

Esse dado histórico é importante também para compreender o processo da formação das cidades, localidades, vilas e distritos da região Bragantina. Neste contexto de formação multicultural da região, encontramos um rico acervo oral de narrativas, histórias e relatos de vida de migrantes das mais diversas regiões brasileiras, em especial do Nordeste brasileiro. Pela memória e tendo como mote o deslocamento migratório, percebe-se uma enorme diversidade cultural, que a cada momento se cria e recria. O viajante traz na bagagem não somente sonhos, mas toda a gama cultural.

É pela perspectiva da cultura popular, em especial da literatura oral da região Bragantina que esse trabalho se desenvolve. Na tentativa de entender os processos migratórios ocorridos na Amazônia Paraense e como as manifestações culturais resultantes desses processos se inter-relacionam. Interessa a ótica dos que não puderam contar a história, dos que não fazem parte da história oficial, dos que não têm voz e nem vez. Comumente vemos comemorações e festejos às migrações japonesas, italianas, espanholas na Amazônia. Mas raramente encontramos algo que se refere aos migrantes nordestinos, como nos diz Fernandes (2006)

Ao que parece, essa memória da imigração nordestina sofreu e sofre de uma amnésia histórica, provavelmente por ser a memória do empregado e não do patrão, a memória dos nordestinos que vieram trabalhar em atividades de base econômica,

É pela voz desses migrantes que se rememora fatos, eventos e experiências de vida. Desde a saída da terra natal até a chegada à Amazônia. Algo que se torna singular no processo de formação cultural da região, pois temos diversas manifestações culturais, atos concretos da influência de tais migrações na região Bragantina. Eventos que são desde preparo de comidas, passando pela religiosidade e chegando à oralidade presente nos contos, lendas e narrativas. A cultura popular está nas ruas, nas calçadas, nas praças; no dia a dia das pessoas que querem manter viva sua memória, através das suas tradições e seus costumes, contando e recontando histórias, preparando determinadas comidas, falando e se expressando, dançando, festejando.

O termo cultura popular vai nos remeter a inúmeras definições, entre elas como aponta Stuart Hall (2003) que “O termo ‘popular’ guarda relações complexas com o termo ‘classe’. Os termos ‘classe’ e ‘popular’ estão profundamente relacionados entre si, mas não são absolutamente intercambiáveis”. (HALL, 2003, p. 262).

E prossegue dizendo que “a cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área à qual o termo ‘popular’ nos remete”. (HALL, 2003, p. 262). Portanto, cultura popular é entendida como o resultado de todo um processo vivido pelo povo no decorrer dos anos e que vai se tornando de alguma maneira presente nas diversas práticas representativas, como comidas, crenças, línguas, danças e literatura e que tais manifestações estão historicamente ligadas às populações menos favorecidas e marginalizadas da sociedade que construiu para si, formas de criação e produção de sua cultura e identidade.

Entende-se que, cultura popular são manifestações historicamente ligadas às populações menos favorecidas, marginalizadas e/ou subalternas da sociedade capitalista. O povo “simples” e “humilde” foi capaz de construir para si, formas de preservar sua cultura. Dessa forma mantém viva a memória, preservando seus valores e princípios, contidos nas danças, cantorias, celebrações festivas, histórias, contos e relatos, enfim, nas mais diversas manifestações culturais. (AYALA & AYALA, 1995).

Dentre tais manifestações da cultura popular está aquilo que comumente se chama de Literatura Popular<sup>5</sup>. Neste aspecto, vale salientar que quando estudamos a Literatura de um povo, sempre nos deparamos quase exclusivamente com manifestações escritas. Com o

---

<sup>5</sup> Entendemos por Literatura Popular as manifestações culturais oriundas da oralidade, como por exemplo, contos, narrativas, lendas, histórias de vida, relatos, poesias. Incluímos aqui também a Literatura de Cordel que possui a forma escrita para divulgar a sua poesia. (LUYTEN, Joseph Maria. *O que é literatura popular*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção primeiros passos).



advento do romance, a escrita ocupa espaço privilegiado nas pesquisas e estudos literários, principalmente no meio acadêmico, ou seja, se privilegia sempre o cânone literário. José Carlos Leal (1985) aponta que “existe certa marginalização por parte dos estudiosos que privilegiam o texto escrito em detrimento do material vindo da oralidade popular” (LEAL, 1985, p. 25).<sup>121</sup>

Na região norte do Brasil, de modo especial no Estado do Pará, a diversidade cultural é muito grande. Diversidade, principalmente na origem das pessoas que constituem a população. O que vai gerar uma multiplicidade de manifestações populares que se recriam, quando culturas diferentes entram em contato. Isso acontece pela constante migração, seja nordestina, seja de outras regiões brasileiras. A formação da cultura popular na Amazônia, “requer obrigatoriamente que nos reportemos às grandes e pequenas levas migratórias que aqui desembarcaram, literalmente em barcos de cabotagem ou em navios que cruzaram oceanos, alguns distantes, outros nem tanto”. (FERNANDES, 2005, p.1).

A contribuição dos migrantes, vindo das diversas partes do Brasil e do mundo, deu ao contexto amazônico uma nova dinâmica. Esta dinâmica precisa ser levada em consideração, precisa ser valorizada, considerando que novas manifestações culturais surgiram a partir dessas migrações. Sendo assim, a cultura popular resultante desse processo se faz presente nos dias atuais. Muitos são filhos (as), netos (as), ou parentes de alguém que migrou em determinado momento do Nordeste, e que de alguma maneira, conhece e ouviu narrativas, histórias e relatos dessas migrações. Ou ainda, o próprio migrante é testemunha do processo migratório. Para tanto, FERNANDES (2005) fala que:

O método oral também pode ser garantia de que, minimamente, vozes soterradas possam ter seus ecos ouvidos, pois a história oral, ao se construir em torno de indivíduos, traz para a História lugares de enunciação até então não visualizados, o que faz com que as várias versões de um mesmo fato possam dar mais veridificação e verossimilhança na compreensão do mesmo (FERNANDES, 2005, p. 3).

As vozes soterradas precisam ser ouvidas. Vozes que podem cair no esquecimento precisam ser registradas para que assumam o papel na constituição da cultura popular de determinada região, no caso a região Bragantina.

### **Narrativas orais migrantes: vozes da cultura popular paraense**

Os discursos recorrentes para motivação de explorar a floresta são dos mais variados. Por isso, inúmeras levas migratórias se deslocaram para região Norte, no decorrer dos anos,

seja de navio ou estradas. Seja de “pau-de-arara” ou de ônibus, muitos homens, mulheres, jovens, velhos e crianças aportaram nestas terras com o sonho de uma vida melhor. As narrativas coletadas privilegiam o migrante que veio de algum Estado do Nordeste. Os narradores são homens e mulheres, trabalhadores rurais e donas de casa, que migraram ao Pará em diversos períodos e com diferentes idades.

Para análise das narrativas consideram-se temáticas que abordam as manifestações culturais resultantes desse processo migratório. Como se conformou a cultura do migrante, houve alteração ou não? Houve assimilação? Como foi o confronto entre a cultura de origem e a cultura local? Ao serem perguntados, por exemplo, a razão de vir para a Amazônia, Seu João Batista da Silva narra que:

Aqui é diferente, a diferença é que só aqui chove mais um pouco e por esse motivo que o pessoal resolve vir de lá, devia ser esse motivo, por que demora muito a chover lá, tem muita seca. É por causa disso né, atrás de chuva. Que vem gente ATRÁS DE UMA MELHORA, a gente passa dois ou três anos num lugar sem chover aí dificulta muito a vida de quem já é dificultado, que não tem uma renda, não tem nada, aí fica muito difícil.<sup>6</sup>

Ao mesmo tempo em que o narrador evidencia seus motivos de migrar, ou seja, a busca por melhores condições; deixa também transparecer a diferença existente entre o local de origem e o local de destino. A circunstância climática tem papel relevante nessa decisão. Através da chuva, representando o elemento água, torna-se um elemento a mais, um motivador na decisão de migrar. Ao recordar do lugar de origem e a chuva, Seu Francisco revela:

E chovia pouco, quase nada, chovia NADA (risos) chovia NADA. Mas rapaz quando chegamos aqui, agora que não chove rapaz. Chovia muito quando chegamos aqui. Amanhecia o dia chovendo e anoitecia. O cabra ia pra roça debaixo de chuva, é. Agora não tem mais inverno bem dizer aqui como antigamente. Lá não, não me lembro se chovia (risos)<sup>7</sup>.

A chuva, enquanto fator climático, torna-se fator motivador. Um elemento a ser considerado na decisão de migrar. Migrar para os narradores, que são pequenos agricultores, trabalhadores rurais que vivem do plantio, da roça, necessariamente passa por esta reflexão e tomada de decisão. Não é possível, trabalhar e cultivar a terra sem água. Para que a roça floresça é preciso da água, principal elemento no ciclo de produção. Relacionada a visão de

---

<sup>6</sup> Seu João Batista da Silva, natural da cidade de Santana do Acaraú, localizada no Ceará. Migrou para o Pará com 25 anos de idade. A entrevista foi realizada no dia 18/09/2011.

<sup>7</sup> Seu Francisco de Oliveira, natural de São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte. Veio com a família com 05 anos de idade. A entrevista foi realizada no dia 16/10/2011.

fatura, uma passagem de *A Selva* (1930) de Ferreira Castro mostra que a visão da abundância de riquezas na Amazônia é antiga:

123

Era, então, a Amazônia um imã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, por que a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com os rebanhos, idos do sertão do Nordeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de ouro ao longo dos caminhos do Mundo (CASTRO, 1977, p. 34-35).

Também em *Candunga* (1954), Bruno de Menezes narra às inúmeras pessoas amontoadas chegam ao destino final, chegam às terras amazônicas, carregando na mala sonhos, utopias e ilusões:

Dezenas de pessoas de uma vez, aos esbarros e trambolhões, amparadas umas nas outras, sujeitas a todos os contratemplos, rodam para um recanto alheio. [...] Novas levas vêm chegando, nos caminhões superlotados. As buzinas rouquejam e os descendentes da raça mártir, cumprindo – quem sabe lá – o seu fadário, estirando os braços mirrados, equilibram-se nas pernas vacilantes, para depois agarrados à “carrosserie” deslizarem para o chão, caindo alguns deles desamparados (MENZES, 1954, p. 12-13).

Uma verdadeira saga à qual foi submetido o migrante. Inúmeras histórias e relatos das viagens, de como aconteceram os deslocamentos. Boa parte dessas viagens ocorreram em ônibus, por via terrestre. Algumas estradas já haviam se tornado principal meio de acesso e ligação entre o Norte e demais regiões brasileiras. Com o intuito de superar o isolamento que vivia a Amazônia, distante dos grandes centros urbanos, rodovias como a Belém-Brasília, a BR 316, a Cuiabá-Santarém, foram construídas para “trazer progresso”.

Eu vim pra cá de ônibus. Quando não tinha transporte, não tinha estrada, aí o pessoal vinha de navio, aí depois o pessoal vinha de ônibus. Aí durou a viagem um dia e meio, mais ou menos. Um dia, uma noite, aí chega de dia, cedinho. E saía de lá mesmo, não precisa ir pra Fortaleza.<sup>8</sup>

O meu tio, outro irmão do papai já veio de carro já, não veio de barco não, já tinha a Belém-Brasília, aí veio pelo Maranhão mesmo é. Era difícil demais por isso veio todo mundo.<sup>9</sup>

No primeiro trecho, Seu Raimundo conta que veio por terra. Lembra da duração, do local da saída, de onde inicia sua viagem. Depois Seu Francisco conta como ele e sua família

---

<sup>8</sup> Trecho da narrativa de Seu Raimundo Ferreira. 90 anos de idade. Natural da cidade de Santana do Acaraú, na microrregião de Sobral. A entrevista foi realizada no dia 18/09/2011.

<sup>9</sup> Seu Francisco de Oliveira.

migraram. Este processo de rememoração é importante para entender a forma como aconteceu o deslocamento naquele período. De barco ou ônibus as narrativas se assemelham. Lembra-se do cheiro, as pessoas, a comida, do movimento. Interessante perceber no excerto abaixo, a experiência migratória vista pelos olhos de uma criança de 05 anos de idade. Ficou registrado na memória do pequeno migrante.

A viagem de lá pra cá foi de navio, viemos de navio, foi difícil rapaz, vinha parando, encostando por aí, até chegar aqui, eu não me lembro quantos dias, mas era muitos dias pra chegar em Belém, era. A comida era ruim demais, aquela comida de navio, tinha aquela catinga daquele motor, que diabo era. Tinha muita gente, muita gente. Meu pai antes veio só, ele veio sozinho sabe, e deixou nós sozinho, veio pra ver se arranjava aí alguma coisa. Aí nós ficamos lá, na cidade, São Paulo do Potengi, ficava no mato nosso terreno. Na viagem, saímos da vila e fomos pra Natal, nem lembro (risos), mas foi de pau de arara, naquele tempo era pau de arara, aí ficamos lá um tempão esperando o navio pra gente vir, foi. Ai no navio, dormia tudo em rede, naviãozão, muito grande (risos), era ruim demais, muita gente, a comida ruim.<sup>10</sup>

Mesmo havendo distância temporal e local, a história era como se estivesse se repetindo. O relato feito por Alberto, personagem e *A Selva* (1930) ao entrar no navio “Justo Chermont”, não é tão diferente ao do narrador, Seu Francisco, que na época da migração era apenas uma criança. “O convés ao contrário do de cima era húmido, sujo e escorregadio. Dir-se-ia que visco fluido e repulsivo se exala de toda a parte, estendendo-se sobre a pele, furando até os poros. Gente destinada a vários seringais do Madeira”. (CASTRO, 1977, p. 42).

Semelhança nas viagens e deslocamentos, uma viagem difícil, penosa e cheia de adversidades. Assemelham-se no que diz respeito à vontade de deixar para trás a fome, miséria, seca, e, olhando para selva amazônica, depositam todas as esperanças de dias melhores, de uma nova vida e sonhos renovados. “O rapaz arquitetara sonhos de um futuro generoso, na terra estranha, confiante que está no seu trabalho, no santo de sua devoção. O outro, mais experimentado pela idade, daria curso a idênticos anseios”. (MENEZES, 1954, p. 17).

A cultura popular desses retirantes embarca com eles na memória e se desloca. Um exemplo são as festas e celebrações. Tais manifestações estão ligadas à religiosidade popular das pessoas, quase sempre relacionadas ao festejo de santos (as), dos (as) padroeiros (as) das cidades, vilas e comunidades. Comemora-se de forma comunitária, onde elementos como, danças e comidas típicas estão incluídos, como se constata na narrativa de seu João Batista:

Lá tinha festa sim, tinha, a festa lá é a festa de antigamente, que a festa aqui só tem som, lá não, lá era **SANFONA MESMO**. O cabra pegava sanfona e era a noite toda todinha, só sanfona mesmo, forró. Eu sempre ia, quando eu ia, era solteiro. Ai na

---

<sup>10</sup> *Idem*.

igreja também tinha festa, é. Na igreja tinha, lá a festa era de Nossa Senhora de Fátima, Santana, Nossa Senhora Aparecida, São Francisco, São Pedro. Aí tinha comemoração, a procissão, o arraial. E no São João também, era o arraialzinho, tinha o arraial era um pouco como aqui, não tem aquele arraial que faz leilão? Essas coisas têm aquela novena, de noite tem as noveninhas. quadrilhas, quase parecido daqui mesmo, arraial, lá também festejam.<sup>11</sup>

Na narrativa de Seu João, ele nos informa que as festas no Nordeste eram com sanfona e forró a noite toda. Em *Candunga* (1954), Bruno de Menezes acrescenta que as cantorias eram monótonas e sempre com tom de saudade. Este aspecto é interessante observar, pois não é fácil ao migrante sair de sua terra natal e apagar todos os elementos culturais enraizados em sua memória. Esta mescla se deu nos períodos da migração nordestina para a zona bragantina e serviu para construir a cultura popular que hoje é praticada na região.

O êxodo de lavradores do nordeste, em consequência dos anos de penetração e do povoamento precário, na zona bragantina, com a introdução de hábitos tipicamente “cearenses”, como se tornou generalidade chamar, aos métodos desses inconstantes migradores, tem transformado completamente a primitiva fisionomia social da região.

Nos municípios localizados ao longo da ferrovia, não se encontram os grupos de musicistas para as danças populares com os seus instrumentos característicos, como sucede nas localidades onde predomina o elemento nativo, sem mescla nordestina.

O caboclo tem outra sensibilidade artística na sua música, nas suas danças, na sua religião, no seu espírito de comunidade.

Disso resulta, que para animar “dansarás”, para as festas de arraial, como novenários, ou ladainhas, ser preciso contratar músicos da região do salgado, os chamados “caboclos”, e até da capital do Estado, para os festejos católicos e profanos dos santos padroeiros, pois os “cearenses”, só sabem se divertir ao som da sanfona, da viola sertaneja, em cantorias monótonas e saudosas (MENEZES, 1954, p. 110-111).

Uma verdadeira simbiose cultural. Há duas representações simbólicas, a do nativo e do migrante, que se intercomunicam e se inter-relacionam. Elas se reconhecem e se respeitam, mantêm sua diferenciação, e aos poucos, vão se transformando, se adaptando e surgindo novas formas de praticar tais manifestações culturais. Seu Francisco, por exemplo, narra como eram as festividades ao longo da BR 316, onde estava localizada a vila de São Cesário, lugar de destino de sua família, após a migração. Esta localidade pertence ao município de Castanhal.

As festas tinham sim, tinha a festa de São Cesário lá, aí na BR, tinha a festa. A igreja do Perpétuo Socorro, todo o ano tinha arraial. Às vezes a gente ia pra festa, não ia assim não, o pai não deixava ia fazer o quê? Tudo molecote, criança. Mas aí quando eu fiquei jovem eu ia sim pras festas. Tinha leilão, leilão assim a pessoa que tem um donativo aí bota pra arremata, sabe. Hoje que não querem fazer festa assim, quem nem arraial. Mudou muito, mudou, vixi.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Seu João Batista da Silva.

<sup>12</sup> Seu Francisco de Oliveira.

Percebe-se que alguns elementos da narrativa de Seu João Batista se confirmam na narrativa de Seu Raimundo Ferreira, ou seja, o aspecto religioso está presente em ambas, e é responsável por aglutinar e unificar toda a festividade em seu entorno. As festas destinadas aos santos (as), são a principal razão dessas comemorações e vivências comunitárias. Servem como elemento aglutinador em torno do qual a comunidade se reúne. Bruno de Menezes observa em seu romance as diferenças do choque cultural que se dá. Um caldeirão efervescente na zona Bragantina.

Os seus costumes, a sua religião, a sua índole, são outros. Em lugar do foguetório, preferem disparar as armas, gastando balas, ao contrário do caboclo, que se amolece todo por um foguete, um samba, um “chorinho” tocado melosamente, num clarinete, num cavaquinho, num violão bem ponteado. Eis porque na zona bragantina, a dentro das colônias, os divertimentos festivos são pouco animados; as músicas que executam, nas sanfonas e nas violas, só arrastam os pares no passo do “baião”, do “corrido”, num ritmo desajeitado (MENEZES, 1954, p. 111).

Um aspecto que chama atenção nas narrativas coletadas é o que se refere ao trabalho no campo e os produtos gerados, como a farinha, que faz parte da culinária amazônica. Seu João Batista narra que “lá eu trabalhava o mesmo trabalho daqui, na roça, plantava milho, feijão, maniva, a mesma produção daqui. Fazia farinha também, mas só que é mais diferente daqui”.<sup>13</sup> Sobre as práticas domésticas e hábitos alimentares, o consumo de farinha pertence a ambas regiões, tanto Norte como Nordeste. Mas com a chegada na nova terra, ganha feições e gosto de novo.

A farinha de lá é só farinha branca né, farinha seca que nós chama, não era não farinha d’água, pra gente fazer não, não tem costume de fazer. A farinha não é fina e só seca, ela fica escaldada, fica grossinha, redondinha, carocinho, só que não é igual aqui não. Quando eu tava lá eu comia a farinha de lá, agora aqui a farinha daqui eu acostumei, quando eu vou pra lá, tenho que levar farinha daqui, já acostumei, quando chego lá eu já estranho a farinha de lá.<sup>14</sup>

Há um processo claro de deslocamento cultural, não só deslocamento físico-geográfico. No excerto acima, o narrador entende a diferença cultural na produção e consumo da farinha. Nota-se também uma aceitação e assimilação, condicionada pelo novo lugar que se vive agora. Consome a ‘nova farinha’ e quando viaja sente falta. As culturas ficaram frente a frente e se inter-relacionam.

---

<sup>13</sup> Seu João Batista da Silva.

<sup>14</sup> *Idem*.

A culinária é um elemento revelador da cultura e da identidade dos sujeitos. A forma de preparo, os temperos, os produtos consumidos, enfim, tudo isto revela a identidade do narrador. Mesmo que haja troca, há uma negociação. Seu João Batista por sua vez nos fala do hábito de se comer carne de bode no Nordeste, mas que aqui não existe esse costume. “Ai como se diz, aqui quase não tem né, porque lá tinha bode, tinha, tinha bode lá, eu mesmo tinha umas cabecinhas de bode lá. Aquilo a gente matava e comia, né, mas aqui se a gente, se chega aqui e dá um pedaço de carne de bode, de carne de carneiro não come”.<sup>15</sup>

Seu Raimundo por sua vez, acrescenta um caráter mais simbólico em sua narrativa. Ao se referir à comida da mãe, para ele tudo era bom e mais saudável, bem diferente da comida de hoje, quando muitos produtos são utilizados para engordar animais. “Lembro que a comida da minha mãe, qualquer coisa era bom demais, comida de mãe né, ai tem carne de porco, engordado com milho, carne de gado, parece que é melhor desse aqui. Hoje em dia o gado, gado tem muita coisa, muita vacina”.<sup>16</sup>

Outro item comestível é o charque ou carne seca. Há diferenças no modo de preparo, conservação e consumo. Ambos produtos são salgados e postos para secar, mas a carne de sol, como o próprio nome diz, é posta literalmente ao sol, para que ajude na secagem. Esta prática cultural é característica do Nordeste brasileiro. “Lá não tem charque assim; carne de sol é carne de sol mesmo, salgava, botava no sol, pra durar mais”.<sup>17</sup>

Seu Raimundo por sua vez, também comenta em sua narrativa o costume do consumo da carne de bode. Assim como já havia sido narrado por Seu João Batista. Acrescenta outro elemento que é a rapadura, item indispensável nas refeições diárias da cultura nordestina.

Sim, eu comia carne de bode. É bom, melhor que outra. Aqui não pensei em criar. Aqui tinha que ser tudo cercado e o melhor é criar solto assim. Comia assim também com rapadura, comia o feijão, a rapadura, quando tem bom dente. Hoje também é mais difícil, deixei de comer, nunca mais comi. Essa rapadura, agente comprava em Serra Grande, terra da rapadura (...) Tianguá, Ibaretama também tinha mas não era tão boa quanto da Serra Grande. Chegava do roçado e comia, todo mundo comia.<sup>18</sup>

Depois de um dia de trabalho duro no roçado, o prazer de comer a rapadura, acompanhado de outra refeição, em geral o feijão, é para Seu Raimundo algo intimamente ligado ao modo de ser do homem sertanejo, seus costumes, tradições e hábitos estão enraizados no seu íntimo. Bem verdade que foi deixado para trás, foi abandonado.

---

<sup>15</sup> Seu João Batista da Silva.

<sup>16</sup> Seu Raimundo Ferreira

<sup>17</sup> *Idem.*

<sup>18</sup> Seu Raimundo Ferreira.

A culinária e os hábitos alimentares estão relativamente ligados à cultura e à identidade de determinado povo ou grupo social. Negar-lhe esta relação seria como negar-lhe a vida. A vida para o migrante se move, de um lado para outro, nos interstícios mais profundos da memória e da cultura popular; permanecendo viva. A memória e a migração, se fazem presente nas narrativas migrantes coletadas e contribuem significativamente na composição da gama cultural existente na região Bragantina

### **Algumas considerações**

Pretende-se a partir do texto trazer algumas reflexões sobre a memória, a migração, e como estão presentes em narrativas orais, bem como em histórias e relatos de vida de migrantes nordestinos, preferencialmente, os que se estabeleceram na Amazônia paraense e na região Bragantina. As manifestações culturais resultantes dos processos migratórios e narradas pela oralidade, tornam-se importante material de estudo para a construção de uma tradição nos estudos sobre Literatura Popular na Amazônia.

Também é importante compreender como está formada a grande diversidade cultural existente na região. Deve-se considerar o sujeito migrante do Nordeste e se estabeleceu no Estado do Pará. Considerando que estes retirantes também fazem parte da História e contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento regional. É necessário apontar mecanismos de superação das diferenças, de movimentos discriminatórios, de preconceitos e aversão surgidos para com os migrantes. Motivando e preservação das manifestações culturais oriundas da oralidade e demonstrando como elas são mais presentes no cotidiano das pessoas.

### **REFERÊNCIAS**

- AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. 3. ed. São Paulo: Hucotec, Brasília: INL, 1982.
- AYALA, Marcos e AYALA Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BERND, Zilá & GRANDIS, Rita de. (Orgs). **Imprevisíveis Américas. Questões de hibridação cultural nas Américas**. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto, 1995.
- BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 21 jun. 2023.



BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

CASTRO, Ferreira. **A Selva**. 29ª edição. Guimarães & C.ª Editores. Lisboa. 1977.

CASCUDO, Luis Câmara. **A literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia, Edusp, 1984.

COELHO, Geraldo Mártires. Belém e a *Belle Époque* da borracha. **Revista Observatório**, Palmas. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/index/index>> v. 2, n. 5, p. 32-56, set./dez. 2016. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

CRUZ, Ernesto. **A estrada de Ferro de Bragança: Visão políticas, econômica e social**. Belém: Falangola, 1955.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Narrativas migrantes e a constituição da cultura popular na Amazônia. **Ágora** (UNISC), v. 12, p. 157-165, 2006.

\_\_\_\_\_. Do Oral ao Escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraís. **Revista Outros Tempos**. Disponível em: <[www.outrostempos.uema.br](http://www.outrostempos.uema.br)> volume 02, p. 156-166. 2005. Acesso em: 10 agos. de 2009.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. de Enilce do Carmo Albuquerque Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.

GONÇALVES, Carlos Porto. **Amazônia, Amazônias**. Contexto. São Paulo. 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. IN: **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces de sobrevivência (1889-1916)**. Belém: Ed. Açai – Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA) – Centro de Memória da Amazônia. 2010.

LEAL, José Carlos. **A Natureza do Conto Popular**. Editora Conquista. Rio de Janeiro. 1985.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura Popular**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1983.

MENEZES, Bruno. *Obras Completas*. V2, Folclore. Belém: SECULT, 1993

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. Editora Brasiliense. 5ª Ed. 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et. al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. IN: **Revista de Estudos Avançados** – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 20 (número 57): 255-61, 2006.

VALIM, Ana. **Migrações – da perda da terra à exclusão social**. São Paulo: Atual Editora. 1996.

**Oral narratives of Northwestern migrants who settled in the Amazon region of Para State: between memory, migration and cultural diversity**

**Abstract:** This text aims to present oral narratives of Northwestern migrants who settled in the Amazon region of Para State; more precisely in the Bragantine micro-region, in the municipality of Igarapé Açu. From the collection of stories and tails of life, we seek to understand how the concepts of memory and migration are intertwined, themes that are verified in the discourse of migrant narrators of this region. There is a cultural diversity in the Bragantine zone, influenced by constant migratory movements that little by little are becoming part of this cultural region. There is a cultural diversity in the Bragantine zone, influenced by constant migratory movements which are gradually becoming part of this cultural region. Many people leave their homeland and migrate to Bragantine region in search of new job opportunities. From a theoretical-reflexive methodology, interviews and transcriptions were carried out, as well as analysis of the narratives. In the theoretical contribution we have Ricouer (2007), Halbwachs (2006), Glissant (2006), Thompson (1992), Zumthor (2001, 2010), Valim (1996), among others.

**Keywords:** Memory; Migration; Amazon; Oral narratives.

**Recebido em 03 de maio de 2023**  
**Aprovado em 13 de junho 2023**  
**Publicado em 09 de agosto de 2023**